



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**DÁDIVA DIVINA E DÁDIVA HUMANA.  
A MUDANÇA NA COMPREENSÃO DE DAR, PRESENTEAR E DOAR  
NOS ESCRITOS DA REFORMA<sup>1</sup>**

*Divine gift and human gift  
The change in the comprehension of giving, granting a gift and donating  
in the writings of the Reformation*

**Gury Schneider-Ludorff<sup>2</sup>**

**Resumo:** As mudanças na interpretação teológica da prática de doações, que acompanha a crítica de Lutero às indulgências, também podem ser demonstradas especialmente na transformação ocorrida no sistema de fundações e doações na época da Reforma. Fundações e doações foram justificadas e legitimadas teologicamente de forma nova. Como finalidade das mesmas só se aceita o que serve ao próximo; elas devem ter como finalidade a “verdadeira” caridade. Isso vem acompanhado da eliminação das missas em favor das almas e da doação de altares, prática muito difundida na Idade Média em benefício da alma da pessoa falecida. Ao invés de focar na vida no além após a morte, a finalidade de doações agora se volta para a configuração do aquí. Com isso passa a haver uma dimensão de organização social, o que, ao mesmo tempo, evidencia a consciência de si mesma da emergente burguesia protestante nas cidades. Com a finalidade de criar uma nova sociedade agradável a Deus, passa-se a fomentar a assistência aos pobres, a formação e a arte nas igrejas. Fundamenta-se isso pelo desafio ao seguimento a Jesus em vista dos pobres e necessitados, mas também pela necessidade de ilustrar a doutrina de Lutero através de pinturas e de epitáfios, bem como a promoção da doutrina luterana através de doações de bolsas de estudo para estudantes de teologia. Os doadores e as doadoras passam a ser exemplos de fé, que, por intermédio de sua doação, apresentam a nova doutrina luterana para os vivos, garantindo assim a continuidade da mesma para as próximas gerações.

**Palavras-chave:** Doação. Fundações de Assistência Social. Reforma.

**Abstract:** The changes in the theological interpretation of the practice of donations, which accompany Luther’s criticism of the indulgences, can also be shown especially

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 25 de maio de 2015 e aprovado em 29 de outubro de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutora em Teologia pela Faculdade Evangélica da Universidade J. W. Goethe, de Frankfurt am Main, Alemanha. Professora de Dogmática e História da Igreja da Augustana-Hochschule Neuendettelsau. Contato: gury.schneider-ludorff@augustana.de

in the transformation that occurred in the system of foundations and donations in the time of the Reformation. Foundations and donations were justified and legitimated theologically in a new way. Regarding the goal of the latter one can only accept that which serves for the neighbor; they must have as their goal “true” charity. This comes with the elimination of the masses in favor of the souls and of the donation of altars, a very common practice in the Middle Ages to benefit the soul of the dead person. Instead of focusing on the life after death, the goal of donations now reverts to the configuration of this side. With this it comes to have a dimension of social organization which, at the same time, shows an awareness of oneself of the emerging Protestant bourgeoisie in the cities. With the goal of creating a new society that is pleasing to God, there begins the fomentation of helping the poor, education and art in the churches. This is based on the challenge of following Jesus with regard to the poor and needy, but also on the need to illustrate Luther’s doctrine through paintings and epitaphs, as well to promote the Lutheran doctrine through donations of scholarships for theology students. The donators become examples of faith, which, through their donation, present the new Lutheran doctrine to the living, guaranteeing thus, the continuity of the former for the next generations.

**Keywords:** Donation. Foundations of Social Assistance. Reformation.

No ano de 1339, o rico comerciante Konrad Gross (+1356) fez uma doação para a fundação da Casa de Acolhimento/Hospital Espírito Santo para o cuidado de pessoas necessitadas. No documento de doação ele expressou sua intenção de “trocar bens celestiais por bens materiais”. Pois seria “decisão de Deus que algumas pessoas ao longo da vida teriam superabundância, enquanto outras passariam necessidades em bens materiais, a fim de que os ricos cumpram o mandamento de Cristo mediante a ajuda às pessoas infelizes e necessitadas”<sup>3</sup>. A concepção de troca de bens terrenos e passageiros por tesouros duradouros no além, respectivamente por anulação de castigos pelos pecados cometidos e a recompensa no além, era a base da piedade de doação na Idade Média.<sup>4</sup>

Fundação é uma forma específica de doação: ela estabelece relações entre mortos e vivos; interliga entre si passado, presente e futuro, estando assim aberta para interpretações religiosas da vida e do sentido da vida. Essas interpretações de vida também contribuem para a configuração social, o que, na Idade Média, se evidenciava na ampla constituição de fundações com vistas à assistência a pobres e doentes, à formação, às artes e à construção de igrejas. Os objetivos das diferentes fundações

<sup>3</sup> LÖHLEIN, Georg. Die Gründungsurkunde des Heilig-Geist-Spitals Nürnberg vom 1339. In: *Mitteilungen des Vereins für die Geschichte Nürnbergs*, 52, 1963/64, p. 65-76, aqui p. 67. Cf. também HAMM, Berndt. Zeitliche Güter gegen himmlische eintauschen. Vom Sinn spätmittelalterlicher Stiftungen. In: HAHN, Udo; KREUZER, Thomas; SCHENK, Susanne; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury (eds.). *Geben und Gestalten*. Brauchen wir eine neue Kultur der Gabe? Münster, 2008. p.51-66.

<sup>4</sup> BORGOLTE, Michael. Stiftung. In: *Lexikon des Mittelalters*. v. 8 (1999), p. 178-180; BORGOLTE, Michael (ed.). *Stiftung und Stiftungswirklichkeiten*. Vom Mittelalter bis zur Gegenwart. Berlin, 2000; MEIER, Hans-Rudolf; JÄGGI, Carola; BÜTTNER, Philippe (eds.). *Für irdischen Ruhm und himmlischen Lohn*. Stifter und Auftraggeber in der mittelalterlichen Kunst. Berlin, 1995.

tinham uma motivação comum: eram “fundações para a salvação da alma” e eram consideradas boas obras piedosas. Como “obras piedosas”, eram dirigidas primordialmente ao próprio Deus, que em recompensa contemplaria o doador ou a doadora com a vida eterna. Assim também o considerara Konrad Gross, o fundador do Hospital Espírito Santo em Nürnberg, ao fundamentar em seu testamento a generosa doação com o argumento de “querer dar bens materiais em troca de bens celestiais”<sup>5</sup>.

Na Idade Média, a vida social nas cidades seria inimaginável sem as fundações: sem as fundações de hospitais, de igrejas e mosteiros, das obras de arte nas igrejas, do cuidado com pobres, órfãos e viúvas, do patrocínio de altares, de missas, de prebendas. O desenvolvimento urbano e a relativa autonomia da cultura urbana na Idade Média se devem em grande parte à intensa dedicação a fundações de seus cidadãos e cidadãs.

As fundações na Idade Média constituíam uma dupla estrutura de relações: por um lado, eram entendidas como uma relação de doação entre a pessoa e Deus; por outro lado, porém, também como uma relação entre pessoas falecidas e vivas. Assim, quem era apoiado por uma fundação estava comprometido a orar pela pessoa que criara a fundação. Nas orações e na participação em missas, essas pessoas eram instadas a interceder junto a Deus em favor de quem criara a fundação, relembrando o nome dessa pessoa.<sup>6</sup> As pesquisas de Gerhard Otto Oexle, bem como dos historiadores Arnold Angenendt e Michael Borgolte<sup>7</sup> evidenciam que os mortos continuavam a ser considerados como pessoas sob o ponto de vista jurídico depois de sua morte. Eles eram considerados juridicamente capazes e, por isso, continuavam como sujeitos de relações sociais. Assim, os mortos “estavam presentes entre os vivos”<sup>8</sup>. Portanto, ao lado de rememorações litúrgicas em missas e orações, que deveriam garantir a salvação da alma da pessoa falecida, as fundações também deveriam manter viva a sua memória entre os vivos. As fundações deveriam preservar a memória do doador ou da doadora depois de sua morte. Especialmente pela menção do nome da pessoa nas rememorações de sua morte, os vivos atualizavam a fundação e, ao mesmo tempo, o próprio doador ou a doadora. Portanto a lembrança da pessoa falecida é um aspecto fundamental das fundações na Idade Média. Com essa rememoração do doador ou da doadora eram estabelecidas relações entre os mesmos e aquelas pessoas que eram beneficiadas com as fundações, permanecendo essa relação para além da morte de

<sup>5</sup> Carta de doação de 13 de janeiro de 1339: *Stadtarchiv Nürnberg*, Urkundenreihe Stiftungen. Cf. quanto a isso detalhadamente HAMM, Berndt. *Zeitliche Güter gegen himmlische eintauschen. Vom Sinn spätmittelalterlicher Stiftungen*. In: HAHN; KREUZER; SCHENK; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2008, p. 51-67. Quanto ao sistema de fundações na Idade Média, cf. BORGOLTE, 2000.

<sup>6</sup> BORGOLTE, Michael. *Die Stiftungen des Mittelalters in rechts- und sozialhistorischer Sicht*. In: *ZRGKA* 74, p. 90-92, 1988.

<sup>7</sup> OEXLE, Gerhard Otto. *Memoria und Memorialbild*. In: GEUENICH, Dieter von; OEXLE, Gerhard Otto (Hrsg.). *Memoria in der Gesellschaft des Mittelalters*. Vandenhoeck & Ruprecht, 1999. ANGENENDT, A. *Theologie und Liturgie der mittelalterlichen Totenmemoria*. In: GEUENICH; OEXLE (Hrsg.), 1999, p. 80-199; ANGENENDT, A. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. Darmstadt, 2000; BORGOLTE, 1988.

<sup>8</sup> GEUENICH; OEXLE (Hrsg.), 1999, p. 385-387.

quem estabeleceu a fundação. Portanto essa prática de doação no sistema de doações na Idade Média pode ser vista nessa dupla estrutura de doação recíproca: em relação a Deus e entre a pessoa falecida e os vivos.

Com o início da Reforma, esse sistema de fundações entrou em crise. A crítica teológica de Lutero contra as indulgências, contra as fundações para a salvação da alma e contra a cultura de memória representou, pela primeira vez, o questionamento da legitimação religiosa do sistema de fundações. Porém, diferentemente do que se supunha por longo tempo na pesquisa, isso não levou a uma ruptura desse sistema no âmbito protestante. Pelo contrário, o que se pode constatar é uma transformação associada a uma nova interpretação de sentido das mesmas. As fundações continuaram a existir, mas com uma nova fundamentação religiosa. Isso se pode demonstrar no exemplo da cultura de fundações que se desenvolveu nas cidades imperiais protestantes nos séculos 16 e 17. E ao mesmo tempo se evidencia que essas novas fundações, ao lado dos aspectos sociais, jurídicos e econômicos, definiam o perfil das intenções religiosas da emergente burguesia protestante. As fundações, por sua vez, passavam a receber força normativa e significativa para a comunidade.

Em suma, dá para constatar que os impulsos teológicos da Reforma provocaram uma transformação que teve como consequência a mudança característica de perspectiva. Isso será aprofundado a seguir em três aspectos:

- ✓ a dádiva correta: em lugar de “benefício próprio”, verdadeira caridade como “benefício comum”;
- ✓ a dádiva verdadeira: em lugar de salvação da alma dos mortos em benefício dos vivos;
- ✓ a dádiva como gratidão e a vida eterna.

## **A dádiva correta: em lugar de “benefício próprio”, verdadeira caridade como “benefício comum”**

Com sua crítica às indulgências e com sua obra “Sobre as boas obras” (1520)<sup>9</sup>, Lutero provocara uma correção nas concepções vigentes em relação às boas obras. Ele só admitia como sendo boa obra a que fora instituída por Jesus e que evidenciava o aspecto do amor ao próximo. Além disso, com o desenvolvimento da doutrina da justificação, que destacava a aceitação incondicional da pessoa por Deus independentemente de todas as boas obras e que boas obras não tornam a pessoa justa diante de Deus, a legitimação religiosa vigente do sistema de fundações se tornou questionável<sup>10</sup>: doações para mosteiros e igrejas, que até então eram consideradas boas obras diante de Deus e que serviam para a salvação da alma, passaram a ser consideradas

---

<sup>9</sup> WA 6, 202-276.

<sup>10</sup> Cf. HAMM, Berndt. Zeitliche Güter gegen himmlische eintauschen. Vom Sinn spätmittelalterlicher Stiftungen. In: HAHN; KREUZER; SCHENK; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2008, p. 51-66.

superstição e idolatria ou, pior ainda, como “benefício próprio”<sup>11</sup>. Como com o cancelamento da promoção de missas, da oferta de altares e de figuras, junto com a ameaça de perda de outros recursos financeiros para o cuidado de pobres e de doentes e do próprio sistema educacional, desenvolveu-se, especialmente nas cidades, um debate sobre a relação entre a doutrina da justificação, liberdade cristã e boas obras. Por isso os reformadores passaram a explicar que boas obras continuavam a ser importantes. Mas importava definir melhor o que deveria ser considerado uma boa obra.

Nesse contexto é interessante a argumentação que estabelece a vinculação entre boas obras e proveito comum como sendo a *verdadeira caridade*, constituindo, assim, uma interpretação teológica. Isso se encontra numa das primeiras medidas reformatórias do conselho da cidade de Nürnberg em 1523, ou seja, na “ordem das grandes esmolos”, que fora elaborada pelo secretário do conselho Lazarus Spengler<sup>12</sup>. Aí se encontra, em meio às transformações da interpretação teológica, uma definição do que poderia ser considerada uma boa obra: são as “obras do amor”.

E essas obras do amor são o fruto que brota de uma verdadeira fé viva. Elas são chamadas de boas, porque nascem de uma sincera confiança em Deus e se destinam para o bem e o proveito do próximo. E, segundo o santo evangelho, cada pessoa cristã deve prestar contas no dia do juízo final acerca de tais obras, ou seja, se ela, por causa de Cristo, amou seu próximo pobre e necessitado, se o alimentou, deu de beber, vestiu, acolheu; em suma, se lhe prestou auxílio e ajuda e não, se ele patrocinou muitas missas, construiu igrejas, fez peregrinações e outras obras semelhantes não ordenadas por Cristo.<sup>13</sup>

Portanto, boas obras são frutos da fé, pelos quais devemos prestar contas diante de Deus no juízo final. Tais boas obras não consistem nas costumeiras fundações para a salvação da alma, mas tão somente em fundações que têm por finalidade a assistência ao próximo, em especial, doentes e pobres, viúvas e órfãos.

E aí se evidencia que as fundações nas cidades imperiais, tais como Nürnberg e Ulm, aumentaram na época da Reforma. E não só entre os aristocratas, mas muito além. Isso demonstra que criar fundações reflete a crescente conscientização de determinados grupos entre a população geral após a Reforma nas cidades imperiais.

### *Boas obras e a assistência aos pobres: A tabela de esmolos na catedral de Ulm*

Um exemplo significativo para uma fundação que corresponde muito bem aos conceitos reformatórios e que se refere ao núcleo da assistência aos pobres se encontra

<sup>11</sup> SCHNEIDER-LUDORFF, Gury. Stiftung und Memoria im theologischen Diskurs der Reformationszeit. In: *Die Macht der Erinnerung, Jahrbuch für Biblische Theologie* 22, p. 253-268, 2007; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury. Protestantisches Stiften nach der Reformation. In: HAHN; KREUZER; SCHENK; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2008, p. 79-91.

<sup>12</sup> Com relação a Lazarus Spengler, cf. HAMM, Berndt. *Lazarus Spengler (1479-1534)*. Der Nürnberger Ratsschreiber im Spannungsfeld von Humanismus und Reformation, Politik und Glaube. Tübingen, 2004.

<sup>13</sup> SEHLING, E.(ed.). *Kirchenordnungen des 16. Jahrhunderts*. Tübingen, 1961. v. 11: Franken, p. 23.

até hoje na catedral de Ulm. É o painel de esmolas que o conselheiro de Ulm Eitel Eberhard Besserer (1501-1575) doou em 1562; portanto, enquanto ainda vivia.<sup>14</sup> A obra de arte contém uma larga faixa na base do quadro em que o observador é desafiado a “dar pelo amor de Deus às pessoas pobres”<sup>15</sup>. Portanto aqui se solicita uma dádiva para as pessoas pobres registradas na cidade.<sup>16</sup> Sugere-se seguir o exemplo das pessoas retratadas que, ao mesmo tempo, servem como modelos cristãos: em uma sala de um edifício público se encontram o doador e alguns integrantes de sua família, com olhar benevolente dirigido aos pobres ao seu redor. Igualmente se encontra no local o artista que pintou a obra.<sup>17</sup> Eles distribuem esmolas aos pobres e doentes, que estendem esperançosos as mãos, os chapéus ou vasilhas.

---

<sup>14</sup> Cf. quanto a isso, MORTAH-FROMM, Anna. Von der Abtuhung der Bilder in Ulm. In: *Meisterwerke – Massenhaft*. Die Bildhauerwerkstatt des Nikolaus Weckmann und die Malerei in Ulm um 1500. Catálogo de exposição, editado pelo Württembergisches Landesmuseum Stuttgart, Stuttgart, 1993, p. 431-432 com reprodução 578.

<sup>15</sup> Württembergisches Landesmuseum Stuttgart, 1993, p. 431-432 com reprodução 578.

<sup>16</sup> Trata-se dos pobres da cidade declaradamente piedosos, aplicados, bons e que, sem culpa, tinham caído em necessidade e que não passavam a mendigar. Além disso, idosos, doentes, famílias com muitos filhos, empregados e empregadas, viúvas e órfãos. Cf. quanto a isso, KREIKER, Sebastian. *Armut, Schule, Obrigkeit*. Armenversorgung und Schulwesen in den Kirchenordnungen des 16. Jahrhunderts. Bielefeld, 1997. p. 79-93. Quanto ao auxílio aos pobres na Idade Média e na Reforma, cf. também SACHSE, Christoph; TENNSTEDT, Florian. *Geschichte der Armenfürsorge in Deutschland*. Stuttgart, 1998. 1. Vom Spätmittelalter bis zum 1. Weltkrieg, p. 25-40; JÜTTE, Robert. Disziplinierungsmechanismen in der städtischen Armenfürsorge der Frühneuzeit. In: SACHSE, Christoph; TENNSTEDT, Florian (eds.). *Soziale Sicherheit und soziale Disziplinierung*. Beiträge zu einer historischen Theorie der Sozialpolitik. Frankfurt am Main, 1986. p. 101-118.

<sup>17</sup> O painel de esmolas de Ulm foi confeccionado em 1562 pelo pintor Georg Riederer Senior. Cf. quanto a isso, MORTAH-FROMM, 1993, p. 431-432.



Painel de esmolas, Georg Riederer d. Ä., 1562 Ulmer Münster

A doação lembra o dever e o compromisso piedosos de se preocupar com o bem comum – na linguagem da época: para se engajar em prol do “benefício comum”. Simultaneamente ela lembra o compromisso em prol do “benefício comum”, como cristãos, com destaque confessional, ou seja, como protestantes. Pois se trata de uma pintura doada no período pós-reformatório. A doação não se referia apenas à obra de arte, mas incluía uma soma significativa em dinheiro em prol do atendimento aos pobres da cidade. O doador Besserer é apresentado claramente como modelo da nova fé protestante. Porém é de estranhar o fato de que uma obra de arte nessa forma, em que o doador e sua família são representados sem, na imagem, qualquer referência a personagens bíblicas ou ao próprio Cristo, tenha sido colocada numa igreja protestante. Isso sem considerar que, mais ou menos trinta anos antes, ocorrera a ampla ação de remoção de “painéis, imagens, altares e ídolos” da catedral de Münster, rejeitando-se, assim, o modelo de pintura de doadores que, além de indicar para a piedosa doação, ainda serviam como representação da burguesa família do doador.<sup>18</sup>

O painel de esmolos em Ulm parece ser um indicativo de que em meados do século 16, após as divergências críticas no discurso teológico, ocorrera uma mudança na compreensão de doações e de boas obras que regulamentava as doações para a assistência aos pobres e que permitia novos modelos de imagens com representação da própria pessoa que fazia a doação.

Portanto aquele velho conhecido ato de “doação piedosa para a salvação da alma” sofreu uma redefinição, o que também se manifestava na ornamentação das igrejas. Historiadores da arte apontaram para o grande número de altares e de figuras<sup>19</sup> do protestantismo que, apesar da crítica às imagens na Reforma, no período posterior, voltaram a entrar nas igrejas como doações. Uma razão básica para tal reside nas mudanças fundamentais na cultura de memória que ocorreram simultaneamente com a Reforma. Esse fato em relação ao sistema de doação – ontem e hoje – não pode ser menosprezado.

Portanto a ideia do proveito comum foi combinada com a dimensão teológica da verdadeira caridade. Mais ainda, foi identificada e ampliada para uma nova legitimação do sistema reformatório de doações. Com isso ocorre uma mudança de perspectiva e uma nova interpretação do ato de doar: a doação representa, em primeiro lugar, a relação entre a pessoa que doa e aquelas pessoas beneficiadas com a doação. Não é destacada a relação com Deus, mas a relação com o próximo – como agradecimento e para a glória de Deus.

---

<sup>18</sup> Cf. quanto a isso, LITZ, Gudrun. *Die Reformatorische Bilderfrage in den schwäbischen Reichsstädten*. Tübingen, 2007.

<sup>19</sup> Cf. quanto ao que segue, as pesquisas de STRECKER, Freya. *Augsburger Altäre zwischen Reformation (1537) und 1635*. Münster, 1997.

## A dádiva verdadeira: em lugar de salvação da alma dos mortos, em benefício dos vivos

A maneira como essa relação na forma de doar e receber, de troca mútua se constituiu está relacionada com a mudança na cultura de memória que se estabeleceu com a Reforma. Passo a mostrar isso em dois exemplos: a nova formatação de epitáfios e a fundamentação de fundações para bolsas de estudo.

### Memória e confissão

No ano de 1672, foi afixado na Igreja São Ulrichs em Pfuhl o epitáfio para o guarda florestal e funcionário público Hans Ulrich Vetter.<sup>20</sup> De forma expressiva aparecem elementos centrais daquela cultura de epitáfios que surgira na sequência das discussões teológicas na época da Reforma com vistas a uma memória adequada da pessoa falecida.<sup>21</sup> O epitáfio é dividido em duas partes. Mais de dois terços do espaço servem para retratar detalhadamente a comovente cena bíblica da crucificação de Jesus. Na outra parte estão os dez membros da família do doador, três placas com lemas e a biografia. Sobre a cabeça dos integrantes da família constam seus nomes. Os já falecidos são assinalados com uma pequena cruz amarela. Servindo como elo de ligação entre as duas partes se encontra, justamente no meio, abaixo da cruz, o dito que interpreta toda a cena no sentido da doutrina da justificação: “Cristo carrega todo o peso do pecado que o Pai lhe colocou sobre as costas”. Sob o brasão, a família do

<sup>20</sup> Reprodução 1. O epitáfio se encontra na Igreja São Ulrichs em Pfuhl/Ulm. Agradeço à Dr. Gudrun Litz pela valiosa indicação.

<sup>21</sup> Sobre o tema das mudanças na cultura de sepultamento e de epitáfios após a época da Reforma foram realizadas nos últimos anos diversas pesquisas. Cf. quanto a isso, RASCHZOK, K.; VOGES, D.H. „... dem Gott gnädig sein.“ Totenschilde und Epitaphien in der St. Georgskirche Nördlingen. Nördlingen, 1998; STEININGER, Ch. Ich weiß, daß mein Erlöser lebet. Überlegungen zur Verbindung von biblischem Text und biblischen Bild auf Epitaphien des 16. Jahrhunderts und frühen 17. Jahrhunderts und ihrer konfessionellen Relevanz. In: MRAS, G.; KROHN, R. (eds.). *Epigraphik 2000*. Neunte Fachtagung für mittelalterliche Epigraphik, 9.-12. Oktober 2000. Wien, 2006. p. 241-255 (Forschungen zur Geschichte des Mittelalters v.10); KARANT-NUNN, S. C. Tod, wo ist Dein Stachel!? – Kontinuität und Neuerung bei Tod und Begräbnis in der jungen evangelischen Kirche. In: MAGIN, Ch.; SCHINDEL, U.; WULF, Ch. (eds.). *Traditionen, Zäsuren, Umbrüche*. Inschriften des späten Mittelalters und der frühen Neuzeit im historischen Kontext. Beiträge zur 11. Internationalen Fachtagung für Epigraphik vom 9.-12. Mai 2007 in Greifswald. Wiesbaden, 2008. p. 193-204; HÜPPNER, D. Gedenken und Fürbitte – Inschriften des Totengedächtnisses zwischen Wandel und beharrendem Zeitgeist. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 123-148; WULF, Ch. Bildbeischriften im frömmigkeitsgeschichtlichen Kontext. Funktionswandel von Inschriften auf kirchlichen Ausstattungsstücken vom hohen Mittelalter bis zum 16. Jahrhundert. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 37-54; MEYS, Oliver. *Memoria und Bekenntnis*. Die Grabdenkmäler evangelischer Landesherrn im Heiligen Römischen Reich Deutscher Nation im Zeitalter der Konfessionalisierung. Regensburg, 2009; BRINKMANN, I. *Grabdenkmäler; Grablegen und Begräbniswesen des lutherischen Adels*. Adelige Funeralrepräsentation im Spannungsfeld von Kontinuität und Wandel im 16. und beginnenden 17. Jahrhundert. Berlin; München, 2010. HAMM, B.; LEPPIN, V.; SCHNEIDER-LUDORFF, G. (eds.). *Media salutis*. Gnaden- und Heilsmedien in der abendländischen Religiosität des Mittelalters und der Frühen Neuzeit. Tübingen, 2011.

doador é envolta, à esquerda, com o desafio: “Nós devemos seguir a Cristo, caso quisermos viver lá com ele”; e à direita, com uma “confissão de fé” em forma de oração: “Senhor Jesus Cristo, meu consolo e alegria, eu confio a toda hora em ti. Vem quando tu quiseres; eu estou pronto”. Os dados na parte de baixo estão estruturados em três aspectos segundo o esquema que se impôs na Reforma: anúncio de morte, laudatório e confissão.<sup>22</sup> Inicialmente é mencionada a data exata (dia e ano) do falecimento. A seguir, como se impôs a partir de meados do séc. 16, vem, antes do nome da pessoa falecida, a colocação de afirmações honrosas sobre a mesma. Além disso, dentro do laudatório, são mencionadas outras características do indivíduo, tais como profissão, posição político-social, duração do exercício da profissão – 42 anos. Além disso, é informado que Vetter “viveu harmoniosamente” durante 17 anos com Anna Mastallen, gerou 13 filhos e que veio a falecer com a idade de 75 anos.<sup>23</sup> Na parte de baixo da pintura se encontra a confissão de fé, formulada em forma de intercessão. Conforme Dagmar Hüppner comprovou com base em diversas inscrições de lembranças de pessoas falecidas em forma de intercessão, o desejo de uma “feliz ressurreição” passa a ser, a partir de 1571, a variante dominante nessas inscrições em epitáfios protestantes, substituindo as inscrições costumeiras tais como “à graça de Deus”<sup>24</sup>. Sob o ponto de vista teológico, nessa fórmula transparece a mudança reformatória na concepção de Deus: em lugar de um Deus julgador, a quem se deve pedir misericórdia, é contraposto o Deus amoroso, o Deus que em Cristo já justificou a pessoa.

---

<sup>22</sup> Cf. com relação à estrutura de epitáfios após a Reforma, HÜPPER, D. Gedenken und Fürbitte. Inschriften des Totengedenkens zwischen Wandel und beharrendem Zeitgeist. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 125-132.

<sup>23</sup> Anno 1669 den ersten Juny ist in gott seelig verschiden der Ernhaftte und Vorgeachte H. Hans Ulrich Vetter gewester Forstmeister und Amptmann alhier zu Pfuhl 42 Jahr welcher mit seiner lieb Hausfraw Anna Mastallen in die 17 Jahr friedlich gehauset und miteinander 13 Kinder erzeugt, seines alters 75 jahr, Der Allmechtige Gott verleihe ihm eine fröhliche Aufferstehung zum Ewigen Leben Amen.

<sup>24</sup> Cf. as alterações nas diferentes fórmulas de intercessão entre 1596 e 1608 em HÜPPER, D. Gedenken und Fürbitte. Inschriften des Totengedenkens zwischen Wandel und beharrendem Zeitgeist. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 133-140.



Enquanto nos epitáfios da Idade Média a pessoa doadora geralmente está integrada no conjunto do quadro e é colocada bem próxima e na mesma altura de Cristo ou dos santos – o que caracteriza uma vinculação direta com Cristo e os santos<sup>25</sup> –, aqui ela se encontra em um nível mais abaixo, separado da representação da crucificação. Novos são os ditos e as orações como comprovantes da piedade da pessoa doadora. Além disso, no conjunto do acima descrito esquema em três partes, os dados biográficos são mais detalhados do que em epitáfios da Idade Média.

A separação entre as duas partes é característica específica de epitáfios que vão se desenvolvendo após a Reforma. Berndt Hamm, em sua contribuição fundamental *Normierte Erinnerung. Jenseits und Diesseitsorientierungen der Memoria des 14.–16. Jahrhunderts* traz a seguinte colocação que dá o que pensar:

A nova orientação da memória cristã na Reforma exclui um agir prévio e preventivo em favor da salvação da alma, bem como, nesse mesmo sentido, a intercessão dos vivos em favor dos mortos. Isso talvez também explique por que, em epitáfios luteranos, há uma separação tão clara da apresentação visual da dádiva divina da salvação e da área em que se recorda a vida terrena do falecido. É, pois, uma certa forma de profanar a memória de mortos: em favor da salvação da pessoa falecida, a lembrança dos vivos nada pode contribuir<sup>26</sup>.

Na realidade, na Reforma em geral se constata uma separação radical entre mortos e vivos. Os mortos não teriam mais relação alguma com os vivos. Não haveria possibilidade de serem ajudados, nem eles poderiam ajudar. Enquanto isso, na tradição católica, há a concepção da relação mútua entre mortos e vivos.<sup>27</sup> Mesmo assim, levanta-se a pergunta se, na continuidade da Reforma, a relação entre mortos e vivos não é mantida. Porém também nesse aspecto ocorre uma mudança de perspectiva, sendo que permanece uma representação da salvação na lembrança do morto e, assim, continua existindo certa reciprocidade de doação; no entanto, em outro nível.

No prefácio para os hinos de sepultamento de 1542, Martim Lutero expusera as seguintes considerações sobre a lembrança de pessoa falecida:

Por isso nós deixamos, eliminamos e varremos de nossas igrejas as aberrações papais, tais como vigílias, missas pelas almas, purgatório e todos os demais artificios em prol de mortos. E não mais permitiremos que nossas igrejas sejam casas de lamento ou locais de sofrimento, mas, como também os antigos pais afirmaram, que sejam espaço de comunhão, ou seja, locais de descanso e repouso. Também não cantamos hinos de

---

<sup>25</sup> Cf. quanto a isso HAMM, B. Typen spätmittelalterlicher Gnadenmentalität. In: HAMM; LEPPIN; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2011, p. 41-82. HAMM, B. Gottes gnädiges Gericht. Spätmittelalterliche Bildinschriften als Zeugnisse intensivierter Barmherzigkeitsvorstellungen. In: HÜPPER, D. Gedenken und Fürbitte. Inschriften des Totengedenkens zwischen Wandel und beharrendem Zeitgeist. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 17-35.

<sup>26</sup> HAMM, B. Normierte Erinnerung. Jenseits und Diesseitsorientierungen der Memoria des 14.–16. Jahrhunderts. In: *Die Macht der Erinnerung. Jahrbuch für Biblische Theologie* 22, p. 198-251, 2007, aqui p. 250.

<sup>27</sup> Cf. KARANT-NUNN, S. C. Tod, wo ist Dein Stachel? – Kontinuität und Neuerung bei Tod und Begräbnis in der jungen evangelischen Kirche. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 203.

luto ou de lamento junto a nosso morto e sepultura, mas hinos de consolo sobre perdão dos pecados, sossego, descanso, vida e ressurreição dos cristãos falecidos, a fim de que nossa fé seja fortalecida e que as pessoas sejam motivadas para uma devoção verdadeira [...]. Disso também faz parte o que os cristãos sempre fizeram e ainda fazem junto às sepulturas: que sejam mantidas bonitas, enfeitadas e ornadas com inscrições. Isso tudo por causa do tema da ressurreição, a fim de que seja firmemente fixado em nós. Pois ele é o nosso consolo e alegria definitiva, bem-aventurada e eterna contra a morte, o inferno, o diabo e toda tristeza [...]. Se de outra maneira gostaríamos de honrar as sepulturas, seria bom desenhar ou escrever nas paredes, onde as houver, belos epitáfios ou versículos da Sagrada Escritura<sup>28</sup>.

Portanto a nova doutrina deveria vir acompanhada de uma mudança na lembrança de mortos. Mudou a forma de relacionamento com os mortos. A alma da pessoa falecida era confiada nas mãos de Deus; a morte era interpretada como sono até o dia do juízo final. Novos cemitérios foram instalados nas periferias das cidades, geralmente em forma de parque. Foram eliminados ossários, missas em memória, carpideiras e guardamentos. A partir de meados do séc. 16, passaram a se impor as pregações durante o velório, em que a pessoa falecida era lembrada como pessoa e como exemplo de fé.<sup>29</sup>

Com a motivação de Lutero de colocar “belos epitáfios ou versículos da Sagrada Escritura” em conexão com a reflexão sobre a memória da pessoa falecida, também a controvérsia às vezes veemente em torno de figuras nas igrejas passou a ser enquadrada numa direção moderada.<sup>30</sup> Pois o epitáfio, que surgira no séc. 14, era expressão da cultura de memória e de piedade urbanas e burguesas. E dessa forma toda proeminente sociedade urbana estava representada nas igrejas. Os epitáfios tinham um significado central, no sentido de uma “iconografia política”, para a sociedade urbana. E isso permaneceu também após a Reforma.<sup>31</sup> Isso se evidencia, por exemplo, na discussão veemente em torno dos epitáfios e placas de mortos em Ulm, em que os teólogos não conseguiram impor a retirada desses elementos diante do conselho da cidade.<sup>32</sup>

Klaus Raschzok apontou para o fato de que os epitáfios só eram cedidos para as igrejas, permanecendo propriedade particular das famílias. Eles não estavam incluídos na memória litúrgica dos mortos e, por isso, também não foram eliminados junto com as missas em prol das almas e de datas comemorativas. Assim, com a Reforma, puderam assumir novas funções na memória de pessoas falecidas.<sup>33</sup> Enquanto a exor-

<sup>28</sup> WA 35, p. 478-480.

<sup>29</sup> Cf. com relação às mudanças na prática de sepultamento KARANT-NUNN, S. C. Tod, wo ist Dein Stachel? – Kontinuität und Neuerung bei Tod und Begräbnis in der jungen evangelischen Kirche. In: MAGIN; SCHINDEL; WULF (eds.), 2008, p. 47-80.

<sup>30</sup> Com relação à discussão em torno de figuras no período da Reforma, cf. LITZ, 2007.

<sup>31</sup> Cf. RASCHZOK, K.; VOGES, D. H. „... dem Gott gnädig sei“. Totenschilde und Epitaphien in der St. Georgskirche in Nördlingen. Nördlingen, 1998. p. 16-17.

<sup>32</sup> Cf. quanto a isso LITZ, 2007, p. 108-132.

<sup>33</sup> Cf. RASCHZOK; VOGES, 1998, p. 18.

tação à intercessão em favor dos mortos passava para um segundo plano, os epitáfios passaram a ter mais a função de consolo e de fortalecimento na fé para os vivos. Por um lado, pela representação de determinadas cenas bíblicas acrescidas de comentários extraídos da Bíblia; por outro lado, através de fórmulas confessionais da Reforma. Assim, os epitáfios retratavam as confissões de fé de seus doadores, através das quais eles se mostravam, por um lado, aos vivos como exemplos de fé e, por outro lado, observavam a exigência de Lutero, contribuindo, através de “bons epitáfios e versículos da Escritura”, para a apresentação da salvação e, com isso, para o fortalecimento da fé dos vivos.<sup>34</sup>

No entanto, há de se considerar que epitáfios permaneciam restritos a um pequeno círculo de cidadãos ricos e eminentes, pastores, superintendentes e aristocratas residentes na cidade. No decorrer da Reforma também foram aumentando as exigências, como demonstra uma decisão do Conselho de Nördlingen, de 1589, segundo a qual a colocação de um epitáfio ou placa de morto na Igreja de São Jorge só era permitida se antes disso houvesse sido feita uma doação para o hospital da cidade.<sup>35</sup> O alto investimento financeiro, que garantia a memória do doador e, ao mesmo tempo, comprovava o comprometimento e a confissão para com a nova doutrina, levanta a pergunta pelas possibilidades de participação nessas formas de *memória e confissão* para outros segmentos da sociedade urbana, por exemplo, ricos artesãos ou mulheres burguesas.

#### *A transmissão da “doutrina verdadeira”*

Depois da Reforma aumentaram nas cidades imperiais especialmente as doações para fins de formação. Como mostra o livro de registro de doações da cidade de Ulm, as doações para bolsas de estudo ocupam o segundo lugar, depois das doações para a assistência aos pobres.<sup>36</sup> Surpreendente é que, de cerca de 90 doações para bolsas de estudo, 77 são reservadas para o estudo de teologia.

Um exemplo para tal é a fundação de Cecília Auerin, viúva de Bronn, uma das maiores doações no período pós-reformatório em Ulm. A Sra. Auerin era uma protestante originária da Áustria que, por causa de medidas antirreformatórias, emigrou da Áustria por volta de 1600, encontrando em Ulm uma nova pátria. Ela legou à cidade imperial um capital de 15.000 florins. Em seu testamento de 1606 ela determinara que uma soma maior fosse destinada para o fundo de esmolas e para piedosos fins sociais, por exemplo, a doação, em nome da doadora, de lenha para pobres piedosos.

---

<sup>34</sup> Cf. quanto a isso Medialität und Totenmemoria im Luthertum. In: LEPPIN; HAMM; LEPPIN; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2011, p. 201-222. Com relação a mausoléus de príncipes protestantes, cf. MEYS, Oliver. *Memoria und Bekenntnis*. 2009, p. 243. SCHNEIDER-LUDORFF, G. Der fromme Fürst. Medialität des Heils und landesherrliche Selbstrepräsentation. In: LEPPIN; HAMM; LEPPIN; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2011, p. 182-200.

<sup>35</sup> Cf. RASCHZOK; VOGES, 1998, p. 17.

<sup>36</sup> Com relação ao sistema de doações de Ulm, cf. LITZ, G. Beispiele aus dem Ulmer Stiftungswesen des Mittelalters und der Frühen Neuzeit. In: HAHN, Udo; KREUZER, Thomas; SCHENK, Susanne; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury (eds.). *Geben und Gestalten*. Lit Verlag, 2008. p. 67-78.

Ao lado da assistência aos pobres, a Sra. Auerin considerava muito importante o apoio à formação. Por isso também organizou bolsas de estudo para estudantes de teologia.

Para alguns estudantes, que desejam ingressar na academia ou já se encontram na mesma e que têm bons conceitos por parte de seus professores por seu comportamento e estudo aplicado e que sabidamente necessitam de auxílio, a esses sejam concedidos pela administração da fundação 10, 15, 20 florins. E a dois ou três bacharéis ou mestres, que apresentem bons testemunhos da universidade acerca de suas qualidades e que sinceramente aceitam a Confissão de Augsburgo Inalterada, devem ser concedidos 30, 40 ou, caso apresentarem bons rendimentos no estudo, até 50 florins como auxílio cristão.<sup>37</sup>

Interessante é a menção dos critérios a serem observados nos candidatos: um comportamento moral e ético, bom rendimento no estudo e, principalmente, o comprometimento com a Confissão de Augsburgo de 1530.

O aumento das fundações em prol de bolsas de estudo evidencia que com isso a dimensão da memória está amarrada com a responsabilidade frente à correta doutrina – a “sadia, salutar” doutrina e a transmissão da mesma. Com destinação de bolsas para o estudo de teologia após a morte do doador, assim como com os epitáfios se conjugava um duplo interesse. Por um lado, a necessidade de permanecer na lembrança das pessoas após a morte. Isso se comprova pelo costume de se fazer o pagamento dos auxílios anuais nas fundações de Nürnberg e de Ulm praticamente sempre no dia do padroeiro do doador, respectivamente de seu cônjuge.<sup>38</sup> Cecília Auerin da mesma forma determinara que as bolsas de estudo

fossem distribuídas nos feriados de Pentecostes e no dia de Cecília (22 de novembro), sendo que, conforme a possibilidade e o local, houvesse o canto de uma ou duas belas músicas espirituais, um relato e uma admoestação pelo pregador presente e que se fizesse uma oração pelo bem-estar da pátria<sup>39</sup>.

Por outro lado, havia o interesse e a consciência da burguesia protestante de estar contribuindo para o fomento da “reta e salutar doutrina” e sua transmissão para as gerações futuras.

Se considerarmos o desenvolvimento que houve a partir dos discursos da época da Reforma em relação à memória de mortos e sistema de fundações, temos aqui mais uma mudança de perspectiva. Diferentemente da Idade Média, não se trata da salvação da alma das pessoas falecidas, mas do bem-estar das pessoas vivas. Isso também vem acompanhado de uma alteração do significado do ato de doar. A lembrança

---

<sup>37</sup> O testamento de Cecília Auerin está reproduzido em WOHLBACH, Ch. L. v. *Urkundliche Nachrichten von den ulmischen Privatstiftungen*. Ulm, 1847. p. 27-30.

<sup>38</sup> Cf. EBNETH, B. *Stipendienstiftungen in Nürnberg*. Eine historische Studie zum Funktionszusammenhang der Ausbildungsförderung für Studenten am Beispiel einer Großstadt (15.-20. Jahrhundert). Nürnberg, 1994. p. 152.

<sup>39</sup> WOHLBACH, 1847, p. 28.

dos mortos permanece para o bem-estar dos vivos. Pois a pessoa falecida que criou a fundação se torna exemplo e oferece para além de sua morte motivação para uma vida correta a partir da “verdadeira fé”.

No epitáfio do funcionário público Hans Ulrich Vetter em Pfuhl, isso se dá através da oração compenetrada da família do doador que admoesta para a fé verdadeira; é a oração sob a cruz que exemplifica a função de exemplo do morto. Em combinação com as inscrições ao redor, bem como através das cenas bíblicas que ilustram as inscrições, destaca-se o significado da morte de Cristo na cruz na teologia protestante, em especial a luterana. E dessa forma se atualiza a salvação para os vivos. O mesmo se dá com as bolsas de estudo para estudantes de teologia. Aí se trata de preservar a “salutar doutrina” para as gerações futuras e, ao mesmo tempo, garantir a oferta da salvação na pregação, no culto e na poimênica.

Em contraposição à ideia vigente na Idade Média, os doadores não são os vivos, mas tão somente os mortos. Se naquela época o epitáfio desafiava a orar pela salvação da alma do doador morto, com a nova concepção dos epitáfios estava colocado um novo enfoque. Agora os mortos confessavam publicamente a sua fé a fim de fortalecer a fé dos vivos.<sup>40</sup> Lutero considerara tarefa de todas as pessoas cristãs a divulgação do evangelho.<sup>41</sup> Os epitáfios, as doações de púlpitos e de altares, doações de pinturas e também as bolsas de estudo eram, pois, tal forma de divulgação do evangelho. Com isso os mortos contribuíam para a preservação da “verdadeira, salutar” confissão da morte de Cristo na cruz em favor do perdão dos pecados e, assim, atualizavam, após a sua morte, a salvação para os vivos. Portanto a memória dos mortos não tinha mais, como na Idade Média, a função de intercessão diante de Deus em favor da alma da pessoa falecida no purgatório. Pelo contrário, há uma mudança de perspectiva: trata-se dos vivos, do fortalecimento da fé deles; portanto trata-se da salvação *deles*.

## A dádiva como agradecimento e a vida eterna

Mesmo que, na interpretação do ato de doar no contexto do sistema de fundações, a relação entre doadores e os que eram beneficiados com as doações era enfocada de forma especial, os testamentos daquela época, porém, evidenciam que a relação para com Deus e a dimensão teológica da vida eterna eram tematizadas explicitamente. Por exemplo, isso fica bem evidente no testamento de Hans Herrmann Burger, um conselheiro de Ulm, do ano de 1649, que fundamenta sua generosa doação para fins de educação da seguinte forma:

Inicialmente entrego minha pobre alma à inesgotável e profunda graça e misericórdia de Deus com tamanha fé sincera e confiança de que ele lhe será magnânimo e misericordioso por causa do precioso mérito de meu Salvador e Redentor Jesus Cristo. E

<sup>40</sup> Cf. MEYS, Oliver. *Memoria und Bekenntnis*. 2009. p. 243, nota 2. SCHNEIDER-LUDORFF, G. Der fromme Fürst. In: LEPPIN; HAMM; LEPPIN; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2011, p. 183-200.

<sup>41</sup> Através de “pregar, cantar, narrar, escrever, ler, desenhar, pintar” todas as pessoas cristãs deveriam confessar a sua fé. Cf. WA 10, p. 458.

no dia do juízo final a reunirá novamente com o corpo, concedendo-lhe alegria e bem-aventurança eternas. Mas meu cadáver deve ser sepultado dignamente na terra de onde provém, segundo a ordem espiritual.

Em segundo lugar, para que a pura doutrina cristã evangélica seja preservada, multiplicada e transplantada tão somente através da verdadeira e salvadora religião para a glória de Deus, da igreja cristã e para o bem comum. Para tal, que haja principalmente pregadores e mestres evangélicos nas igrejas e escolas, tementes a Deus, hábeis, puros e fieis. Além disso, são necessárias outras pessoas instruídas, compreensíveis e experientes no ambiente público. E para que se sintam bem, sendo bem intencionados e tendo também vontade e amor para o estudo, porém, por causa de pobreza e carência dos recursos necessários, não conseguem continuar os seus estudos<sup>42</sup>.

A esperança da vida eterna é a justificativa para a criação da fundação. No entanto, essa esperança é apresentada como confiança que brota de uma fé sincera na ação salvadora de Cristo no sentido da doutrina da justificação luterana. Por um lado, trata-se de uma confissão do doador piedoso que o caracteriza como exemplo de fé. Por outro lado, nisso se evidencia ainda outro ângulo de compreensão: a atitude do doador é caracterizada na relação para com Deus como agradecimento, para sua honra e como fruto da fé, correspondendo assim à relação correta para com Deus no sentido da doutrina luterana. A postura de fé leva à propagação da “nova doutrina verdadeira” através do incentivo da “verdadeira e salvadora religião” com vistas à vida eterna, não apenas através de pregadores e mestres piedosos e com boa formação, mas também através de outras funções e profissões que têm a tarefa de organizar a vida comum no sentido da “doutrina verdadeira” e tendo em vista a vida eterna de todas as pessoas crentes.

A relação entre mortos e vivos é transformada na Reforma. E isso também altera o ato de doar e o sentido das fundações. A finalidade da fundação passa a ter nova definição, sendo caracterizada como dádiva para o próximo, como verdadeira caridade. Os mortos tornam-se exemplos que, com sua confissão, indicam o caminho para a salvação mediante a personificação da “fé verdadeira” e como recordação para os vivos. A cultura da memória sofre uma mudança de perspectiva, passando a ter uma nova formatação no sentido de dádiva, relação e comunicação mútuas. As fundações eliminam a separação entre mortos e vivos pelo entrelaçamento entre passado, presente e futuro, mas também pelo cruzamento da vida neste mundo com a vida eterna.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Testamento do conselheiro em Ulm Hans Burger, Arquivo da cidade de Ulm, B 951/12 N° 26 parte 1. Agradeço à Dr. Gudrun Litz, de Ulm, pela indicação para esse importante documento.

<sup>43</sup> Com relação à “vida eterna” como tema da fundação cf. a contribuição instrutiva de VOLZ, F. R. *Stiftung als Institution – ein Hinführung*. In: HAHN; KREUZER; SCHENK; SCHNEIDER-LUDORFF (eds.), 2008, p. 39-48.